

Poesia



LETRAS
B869.1
P745
2007

N.Cham. B869.1 P745 2007

Título: Poesia : para ler no ônibus, em casa, no
trabalho, na escola, quando for dormir - .



346041003
493567

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS**

Diretor: Jacyntho José Lins Brandão

Vice-Diretor: Wander Emediato de Souza

**PROGRAMA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
A TELA E O TEXTO**

Coordenação: Maria Antonieta Pereira

LINHA EDITORIAL TELA E TEXTO

Coordenação: Maria José de Castro Alves

ORGANIZAÇÃO E REVISÃO

Maria José de Castro Alves

Gerlane Roberta de Oliveira (Subcoordenação da Linha Editorial)

Leirilane dos Santos Mendes (Revisão e Distribuição)

Maria Magda de Lima Santiago (revisão e atualização da web)

Vitória Régia de Castro Alves Lima (Revisão e Distribuição)

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Bruno Marcos Costa Oliveira

Cristiano Pereira da Silva

Danilo Barros

ILUSTRAÇÃO

Milton Lira / 09, 30, 52, 62

Renata Pedrosa Barbosa / 26

Simon Pedro Brethé / capa

**2ª edição
2007**

Sumário

U.F.M.G - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



346041003

NÃO DANIFIQUE ESSA ETIQUETA



Apresentação

Caro Leitor - 06

Afazeres

Soneto sertanejo, Jorge F. dos Santos - 10

As lavadeiras, Ronald Claver - 11

Tempos e Lugares

Ampulheta, Jorge F. dos Santos - 13

Canção do exílio, Gonçalves Dias - 14

Itinga, Ronald Claver - 16

O rio, Olavo Bilac - 17

Poema cinematográfico, Gilbert Daniel - 21

"No relâmpago dos olhos", Ronald Claver - 22

Os decotes nos ônibus, Gilbert Daniel - 23

"não faço pouco caso", Bruno Brum - 24

Remanso, Ronald Claver - 25

A teia, Jorge F. dos Santos - 27

Poética, Gilbert Daniel - 28

493567

Incertezas

- "chove", Bruno Brum - 30
"essa impressão", Bruno Brum - 31

Femininos

- O Adeus de Teresa*, Castro Alves - 34
Meninas de Minas, Elizabeth M. F. Teixeira - 36
O Gondoleiro do Amor, Castro Alves - 37
Simples, Jussara Santos - 40
Não me deixes, Gonçalves Dias - 41
Claro Escuro, Jussara Santos - 43
Ismália, Alphonsus de Guimaraens - 44
Lira XV, Tomás Antônio Gonzaga - 46
Poeminha da Bárbara, Jorge F. dos Santos - 50
"Anjo no nome, ...", Gregório de Matos - 51
Barca bela, Almeida Garrett - 52
Hiato, Lenise - 54

ao de Letra

Biblioteca Universitária
17 / 08 / 2010
3460410-03

SEMPRE
BIBLIOTECA
UNIVERSITÁRIA





Sumário

Eu e Poesia

7 vidas, Lenise - 56

Trindade, Jorge F. dos Santos - 58

Over dose, Lenise - 59

"sinto a fome de mundos", Júlio César - 60

O assinalado, Cruz e Souza - 61

"como disse o filósofo...", Bruno Brum - 62

Palavra de Mulher, M^a Helena Camargos Moreira - 63

"E por que sentia ódio...", Júlio César - 64

Pele, Elizabeth M. F. Teixeira - 65

Êxtases

"Amor é um fogo ...", Luís Vaz de Camões - 67

Cantares de Salomão (fragmentos) - 68

Caro(a) leitor(a),

Desde 1998, trabalhamos com projetos de leitura voltados para a população de baixa renda, no âmbito do Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão *A tela e o texto* da Faculdade de Letras da UFMG. Nessa trajetória, percebemos que uma das causas dos baixos níveis de leitura da população brasileira é sua dificuldade de comprar livros, devido ao alto custo que estes, em geral, apresentam. Assim, resolvemos criar a Linha Editorial Tela e Texto, com base na experiência do *Projeto Leitura para todos*, que, desde 2004, divulga textos da Literatura Brasileira nos ônibus de Belo Horizonte, em parceria com a BHTRANS. O objetivo da Linha Editorial Tela e Texto é publicar um livro barato, cuja venda permita o financiamento de outro livro e assim sucessivamente, de forma a permitir que estudantes, trabalhadores, desempregados, donas de casa e a população em geral tenham acesso às obras da Literatura Brasileira. Essa idéia ganhou força com o apoio da Faculdade de Letras da UFMG e do Centro de Convergência de Novas Mídias.

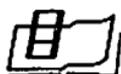
Para obter um livro barato, criamos uma rede de trabalho coletivo e voluntário, em que todos os participantes — poetas, comissão editorial, responsáveis pelo projeto gráfico e ilustradores — cederam os direitos de seus textos e de seu trabalho. O preço de custo de cada exemplar é R\$1,79 (um real e setenta e nove centavos). Foram impressos 500 (quinhentos) exemplares com financiamento dos membros do Programa A tela e o texto e do Centro de Convergência de Novas Mídias. Cada livro está sendo vendido a R\$ 1,99 (um real e noventa e nove centavos) para que seja possível criar um *Fundo do Livro* que permita a publicação de novas obras de baixo custo. Cada poeta e ilustrador participante desta coletânea terá direito a receber gratuitamente 2 (dois) exemplares. Haverá prestação mensal de contas da Linha Editorial Tela e Texto na página do Programa (www.letras.ufmg.br/atelaetexto).

Na escolha dos poemas, procuramos contemplar autores já consagrados pelos leitores brasileiros, poetas desconhecidos do grande público e participantes do *Projeto Leitura para todos* agrupando os textos de acordo com o assunto. Muitos poemas desta

antologia, sobretudo aqueles criados pelos autores tradicionais, podem ser encontrados em www.dominiopublico.gov.br e também nas Bibliotecas Públicas e Comunitárias de Belo Horizonte.

Contamos com seu apoio para divulgar nossa Literatura e lhe desejamos uma boa leitura!

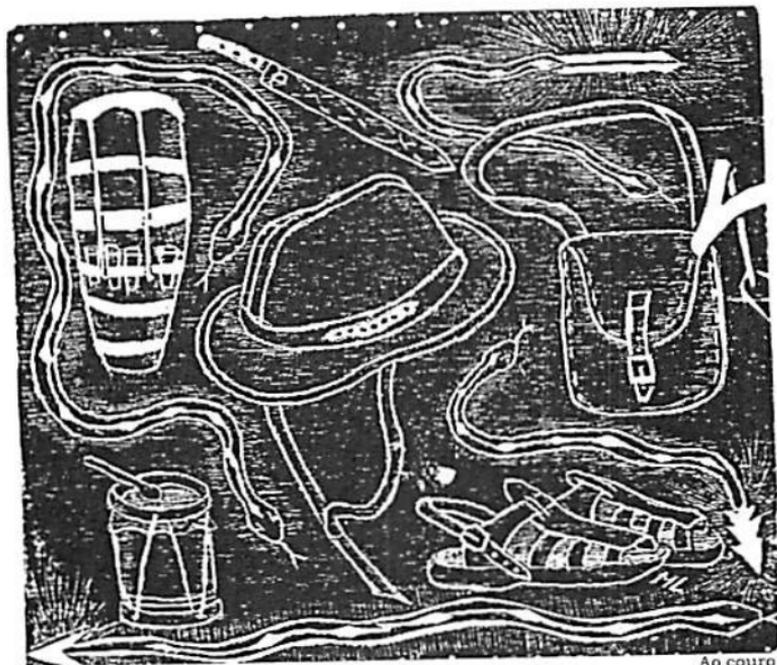
**Equipe da Linha Editorial Tela e Texto
Belo Horizonte, dezembro de 2005.**



**a tela
e o texto**

**Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão
A tela e o texto
Faculdade de Letras / UFMG
Telefone (31) 3499-6054
www.lettras.ufmg.br/atelaetexto
telatexto@ufmg.br
Registro SIEX no. 10.416
Registro na Biblioteca Nacional no. 318.742
Registro no INPI 20040B900086**

AFAZERES



Ao couro

AFAZERES



Jorge Fernando dos Santos

Afazeres

Soneto Sertanejo

"Sertão é dentro da gente" *
Ser tão sozinho me dói
Rio que já fez enchente
A seca hoje corrói

Na seara desta vida
Ceará é o meu Saara
Um mar de areia moída
Que o vento sopra e não pára

Peixe não é passarinho
Se tropeço numa pedra
Dessas que têm no caminho

Lembro a navalha e a seda
Iguais à flor e ao espinho
Margens da mesma vereda

* Apud Guimarães Rosa



Ronald Claver

Afazeres

As lavadeiras

As lavadeiras têm um corpo mineral
E feminino é o corpo que se alonga
Em meandros

O corpo das lavadeiras é um rio de
[viajar

A carne
De viajar os olhos, de viajar as mãos,
A pele

As lavadeiras
Lavam nossas sujeiras e pecados

Nas pedras
Estendem nossos trapos
E nossos corpos formam
Um colorido mosaico

TEMPOS

LOCALES



Jorge Fernando dos Santos

Tempos e Lugares
Ampulheta

Cai a areia
grão a grão
gota a
gota
vai
a
vida
ávida de
vinho e pão
escoa, esvai



Gonçalves Dias

Tempos e Lugares
Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Tempos e Lugares

UFMG - Faculdade de Letras
BIBLIOTECA





Ronald Claver

Tempos e Lugares

Ilíngua

O Rio Jequitinhonha divide
O coração da Cidade
De um lado o remo, o barco, o
[barqueiro
E a esperança da travessia
De outro a vida atravessada



Olavo Bilac

O rio

Da mata no seio umbroso,
No verde seio da serra,
Nasce o rio generoso,
Que é a providência da terra.

Nasce humilde; e, pequenino,
Foge ao sol abrasador;
É um fio d'água, tão fino,
Que desliza sem rumor.

Entre as pedras se insinua,
Ganha corpo, abre caminho,
Já canta, já tumultua,
Num alegre borburinho.

Agora ao sol, que o prateia,
Todo se entrega, a sorrir;
Avança, as rochas ladeia,
Some-se, torna a surgir.

Recebe outras águas, desce
As encostas de uma em uma,
Engrossa as vagas, e cresce,
Galga os penedos, e espuma.

Agora, indômito e ousado,
Transpõe furnas e grotões,
Vence abismos, despenhado
Em saltos e cachoeirões.

E corre, galopa, cheio
De força; de vaga em vaga,
Chega ao vale, alarga o seio,
Cava a terra, o campo alaga . . .

Expande-se, abre-se, ingente,
Por cem léguas, a cantar,
Até que cai finalmente,
No seio vasto do mar . . .



Mas na triunfal majestade
Dessa marcha vitoriosa,
Quanto amor, quanta bondade
Na sua alma generosa!

A cada passo que dava
O nobre rio, feliz
Mais uma árvore criava,
Dando vida a uma raiz.

Quantas dádivas e quantas
Esmolas pelos caminhos!
Matava a sede das plantas
E a sede dos passarinhos . . .

Fonte de força e fartura,
Foi bem, foi saúde e pão:
Dava às cidades frescura,
Fecundidade ao sertão . . .

Tempos e Lugares



E um nobre exemplo sadio
Nas suas águas se encerra;
Devemos ser como o rio,
Que é a providência da terra:

Bendito aquele que é forte,
E desconhece o rancor,
E, em vez de servir a morte,
Ama a vida, e serve o Amor!

Tempos e Lugares





Gilbert Daniel

Tempos e Lugares
Poema cinematográfico

o netinho perguntou:

“vô! que é poesia?”

os olhos do velhinho:

“poesia é...”

e com os dedos ele apontou o

[Edifício JK que veloz e infinito

passava pelas janelas do ônibus

A decorative black flourish with intricate scrollwork and swirls, positioned on the left side of the page, partially overlapping the title area.

Ronald Claver

Tempos e Lugares

No relâmpago dos olhos
O Jequitinhonha
É promessa no coração
Café, aperto de mão
Chapéu, olhar de soslaio
Reza, bandeira, bastão
Feira, bengala, balaio
Este povo assim
Calado, manso
É como a dinamite
Um dia explode

A large, intricate black decorative flourish with swirling, scroll-like patterns on the left side of the page, partially overlapping the title area.

Gilbert Daniel

Tempos e Lugares

Os decotes nos ônibus

camisa que envolve um seio
carne que abriga um desejo
o seio
seio do desejo



Bruno Brum

Tempos e Lugares

não faço pouco caso
desses cacos que cato
às vezes até me corto
nesses desacatos
ou então levo choques
e me tombo com o baque
mas depois junto tudo
tomo logo o meu rumo
aí faço o meu rock
com frases de pára-choque
me desligo
me descuido
me perco num segundo
vim de longe
sou um qualquer
peço carona pra quem vai a pé



Ronald Claver

Tempos e Lugares

Remanso

Dois rios na monotonia da geografia
Desenham no mapa itinerário das
[águas
A paisagem não é de violência antes
[de

Fome, confluência

CONVERSAM:

“O CORPO É UM LAGO

PARA SER ALAGADO”

— e assim deitado, espreado e

[tonto
tento permanecer no teu corpo

[tanto
“O CORPO É UM RIO PARA SER

[INUNDADO”

— e tento cobrir este teu corpo de

[sede

tanta e vária

“O MAR É UM CORPO

PARA SER TRANSBORDADO”

— e te cubro e enovelo neste leito aquoso
e te inundo de meu ser poroso
“O CORPO É UM AFLUENTE
PARA SER DOMADO”
— e bebendo de sua boca
as palavras, te respondo:
O CORPO É UM BRAÇO DE RIO
UM LANCE DE ÁGUA, UMA PEDRA
UMA QUEDA
E NESTE INSTANTE ME LANÇO
E ME QUEDO MANSO COMO RIACHO
NO TEU REMANSO
E RIO E RIO CONTINUAM A GEOGRAFIA
COMO UMA CANOA COMPRIDA E LONGA

Tempos e Lugares





Jorge Fernando dos Santos

Tempos e Lugares

A teia

O tempo tece a teia
feito aranha invisível,
e quando se vê preso
no seu próprio fio,
a si mesmo se desfia
num gesto intraduzível.
O tempo é Penélope:
à noite desfaz o que fez de dia.
Sua espera é para sempre
e, enquanto espera, fia.



Gilbert Daniel

Tempos e Lugares
Poesia



A poesia espalhada pelo mundo
pelo horizonte
tão evidente
na bala colorida
no obelisco da Praça 7
nos prédios cheios de vidas humanas
na multidão
nos elevadores com cheiro de mofo
nos automóveis parados no [semáforo
a poesia está nas gentes
não só em livros de poemas
sobretudo
aqui
entre elevados e nuvens
avenidas e sorrisos
a poesia é o sentimento

Incertezas





Bruno Brum

Incertezas

chove
(ou será alguém aguando o mundo?)
chove
(ou será alguém que chora muito?)
chove
(ou será alguém com seu descuido?)
chove
(ou será alguém cuspendo tudo?)
chove
(ou será alguém chovendo junto?)



Bruno Brum

Incertezas

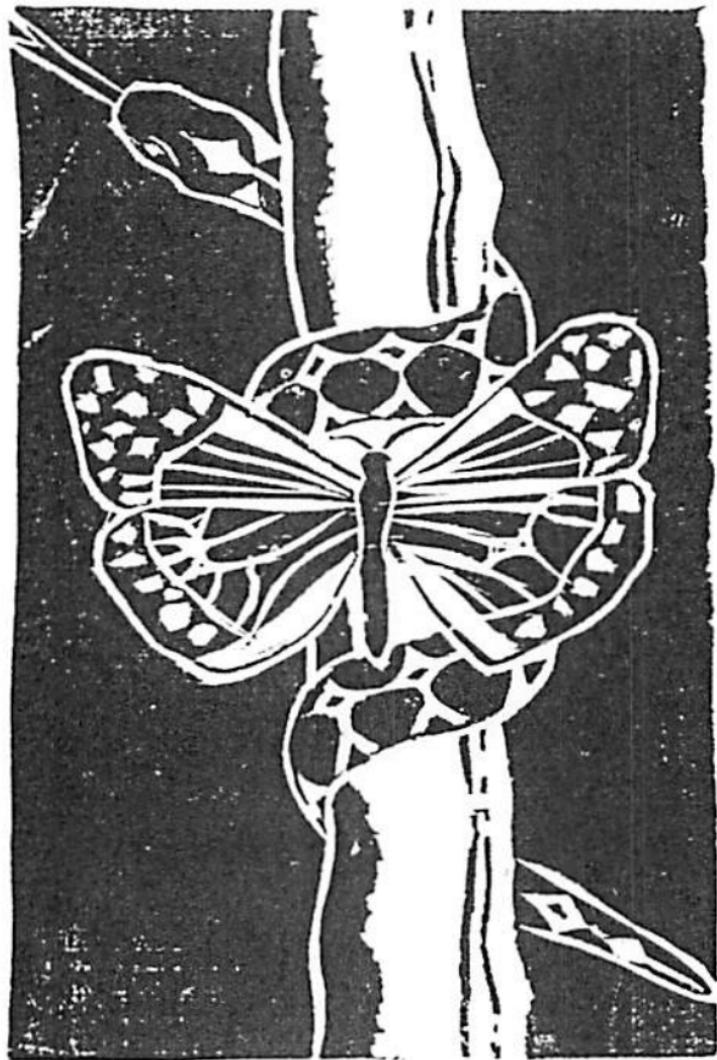
essa impressão
de que nunca acaba
essa impressão
de que nunca chega
essa impressão
de que nunca enche
essa impressão
de que nunca fica
essa impressão
de que nunca cabe
essa impressão
de que nunca
nunca

nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca

Incertezas



Femininos



oxum oxumare

Femininos



Castro Alves

Femininos

O Adeus de Teresa

A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a

[correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus . . .
E amamos juntos . . . E depois na

[sala
"Adeus" eu disse-lhe a tremer co'a
[fala . . .

E ela, corando, murmurou-me:
["adeus".

Uma noite. . . entreabriu-se um
[reposteiro . . .
E da alcova saía um cavaleiro
Inda beijando uma mulher sem
[véus . . .
Era eu . . . Era a pálida Teresa!
"Adeus" lhe disse conservando-a
[presa . . .

E ela entre beijos murmurou-me:

["adeus!"

Passaram tempos . . . séc'los de delírio
Prazeres divinais . . . gozos do Empíreo . . .
. . . Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse "Voltarei! . . . descansa! . . ."
Ela, chorando mais que uma criança.

Ela em soluços murmurou-me: "adeus!"

Quando voltei . . . era o palácio em festa! . . .
E a voz d'Ela e de um homem lá na orquestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei! . . . Ela me olhou branca . . . surpresa!
Foi a última vez que eu vi Teresa! . . .

E ela arquejando murmurou-me: "adeus!"

Femininos





Elizabeth M. F. Teixeira

Femininos

Meninas de Minas

As meninas de Minas são recatadas
Mas lúdicas.
As outras são lúcidas.
As meninas de Minas são pálidas.
As meninas de Minas
Trazem rosários no peito.
As meninas de Minas
Tiram poemas dos seios.
As meninas de Minas
Recitam de mãos pra trás
E as outras riem.
As meninas de Minas
Têm uma sina,
As outras, futuro.
As meninas de Minas
Às vezes suspiram rasgado...
Eu não sei porquê.



Castro Alves

Femininos

O Gondoleiro do Amor

BARCAROLA

DAMA-NEGRA

Teus olhos são negros, negros,
Como as noites sem luar...
São ardentes, são profundos,
Como o negrume do mar;

Sobre o barco dos amores,
Da vida boiando à flor,
Douram teus olhos a fronte
Do Gondoleiro do amor.

Tua voz é cavatina
Dos palácios de Sorrento,
Quando a praia beija a vaga,
Quando a vaga beija o vento.

E como em noites de Itália
Ama um canto o pescador,
Bebe a harmonia em teus cantos
O Gondoleiro do amor.

Teu sorriso é uma aurora
Que o horizonte enrubesceu,
—Rosa aberta com o biquinho
Das aves rubras do céu;

Nas tempestades da vida
Das rajadas no furor,
Foi-se a noite, tem auroras
O Gondoleiro do amor.

Teu seio é vaga dourada
Ao túbio clarão da lua,
Que, ao murmúrio das volúpias,
Arqueja, palpita nua;

Como é doce, em pensamento,
Do teu colo no langor
Vogar, naufragar, perder-se
O Gondoleiro do amor!?

Femininos



Teu amor na treva é — um astro,
No silêncio uma canção,
É brisa — nas calmarias,
É abrigo — no tufão;

Por isso eu te amo, querida,
Quer no prazer, quer na dor... Rosa!
Canto! Sombra! Estrela!
Do Gondoleiro do amor.

Femininos





Jussara Santos

Femininos *Simples*

vinte e três horas
eu apressada,
cabelo por cortar,
salto do sapato,
amor
não repara...
desço,
rua precipitada,
meia desfiada,
gota a mais de perfume,
soutien esfarrapado,
amor reparou!



Gonçalves Dias

Femininos

Não me deixes

Debruçada nas águas dum regato
A flor dizia em vão
À corrente, onde bela se mirava...
“Ai, não me deixes, não!”

Comigo fica ou leva-me contigo
Dos mares à amplidão;
Límpido ou turvo, te amarei
[constante:
Mas não me deixes, não!”

E a corrente passava; novas águas
Após as outras vão
E a flor sempre a dizer curva na
[fonte:
“Ai, não me deixes, não!”

E das águas que fogem incessantes
À eterna sucessão
Dizia sempre a flor, e sempre
[embalde:
“Ai, não me deixes, não!”

Por fim desfalecida e a cor murchada,
Quase a lamber o chão,
Buscava inda a corrente por dizer-lhe
Que a não deixasse, não.

A corrente impiedosa a flor enleia,
Leva-a do seu torrão;
A afundar-se dizia a pobrezinha:
“Não me deixaste, não!”

Femininos





Jussara Santos

Femininos

Máquina de fiar
Canto da sala
Feminino novo
Novilho
Lã.

Acendo uma vela
e saio a procurar navios
eu que não sou de mar
mareio as marés.

Claro Escuro

lua clara
lua rara

**lua escura
lua nua**



Alphonsus de Guimaraens

Femininos

Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

Femininos





Tomás Antônio Gonzaga

Femininos

Lira X^o

Eu, Marília, não fui nenhum
[Vaqueiro,
Fui honrado Pastor da tua aldeia;
Vestia finas lãs, e tinha sempre
A minha choça do preciso cheia.
Tiraram-me o casal, e o manso gado,
Nem tenho, a que me encoste, um só
[cajado.

Para ter que te dar, é que eu queria
De mor rebanho ainda ser o dono;
Prezava o teu semblante, os teus
[cabelos
Ainda muito mais que um grande
[Trono.
Agora que te oferte já não vejo
Além de um puro amor, de um são
[desejo.

Se o rio levantado me causava,
Levando a sementeira, prejuízo,
Eu alegre ficava apenas via

Na tua breve boca um ar de riso.
Tudo agora perdi; nem tenho o gosto
De ver-te aos menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço
As quentes horas da comprida sesta,
Escrever teus louvores nos olmeiros,
Toucar-te de papoulas na floresta.
Julgou o justo Céu, que não convinha
Que a tanto grau subisse a glória minha.

Ah! minha Bela, se a Fortuna volta,
Se o bem, que já perdi, alcanço, e provo;
Por essas brancas mãos, por essas faces
Te juro renascer um homem novo;
Romper a nuvem, que os meus olhos cerra,
Amar no Céu a Jove, e a ti na terra.

Femininos



Fiadas comprarei as ovelhinhas,
Que pagarei dos poucos do meu ganho;
E dentro em pouco tempo nos veremos
Senhores outra vez de um bom rebanho.
Para o contágio lhe não dar, sobeja
Que as afague Marília, ou só que as veja.

Se não tivermos lãs, e peles finas,
Podem mui bem cobrir as carnes nossas
As peles dos cordeiros mal curtidas,
E os panos feitos com as lãs mais grossas.
Mas ao menos será o teu vestido
Por mãos de amor, por minhas mãos cosido.

Nós iremos pescar na quente sesta
Com canas, e com cestos os peixinhos:
Nós iremos caçar nas manhãs frias

Femininos



Com a vara envisgada os passarinhos.
Para nos divertir faremos quanto
Reputa o varão sábio, honesto e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
C'os filhos, se os tivermos, à fogueira;
Entre as falsas histórias, que contares,
Lhes contarás a minha verdadeira.
Pasmados te ouvirão; eu entretanto
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua,
Nos mostrarão c'o dedo os mais Pastores;
Dizendo uns para os outros: "Olha os nossos
Exemplos da desgraça, e são amores".
Contentes viveremos desta sorte,
Até que chegue a um dos dois a morte.

Femininos





Jorge Fernando dos Santos

Femininos

Poeminha da Bárbara

O pé de abóbora da Bárbara
Dá de tudo, menos abóbora

Dá laranja, banana e limão
Abacate, manga-rosa e mamão

Dá batata, cenoura e melão
Beterraba, couve-flor e agrião

Dá de tudo, menos abóbora
O pé de abóbora da Bárbara.



Gregório de Matos

Femininos

Anjo no nome, Angélica na cara,
Isso é ser flor, e Anjo juntamente,
Ser Angélica flor, e Anjo florente
Em quem, senão em vós se
[uniformara?

Quem veria uma flor, que a não
[cortara
De verde pé, de rama florescente?
E quem um Anjo vira tão luzente,
Que por Deus, o não idolatrara?

Se como Anjo sois dos meus altares,
Fôreis o meu Custódio, e minha
[guarda,
Livrara eu de diabólicos azares.

Mas vejo, que tão bela, e tão
[galharda,
Posto que os Anjos nunca dão
[pesares
Sois Anjo, que me tenta, e não me
[guarda.

Femininos

Barca bela

Pescador da barca bela,
Onde vás pescar com ela
Que é tão bela,
Ó pescador?

Não vês que a última estrela
No céu nublado se vela?
Colhe a vela,
Ó pescador!

Deita o lanço com cautela,
Que a sereia canta bela...
Mas cautela,
Ó pescador!

Não se enrede a rede nela,
Que perdido é remo e vela
Só de vê-la,
Ó pescador.

Pescador da barca bela,
Inda é tempo, foge dela,
Foge dela,
Ó pescador!

Femininos



A large, intricate black and white decorative flourish on the left side of the page, featuring swirling lines and loops that extend towards the center.

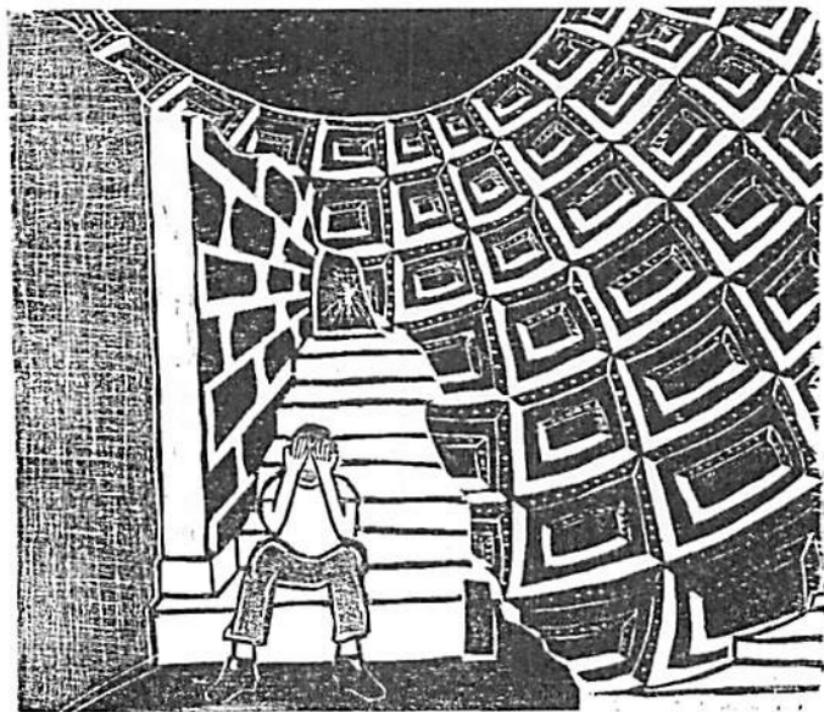
Lenise

Femininos

Hiato

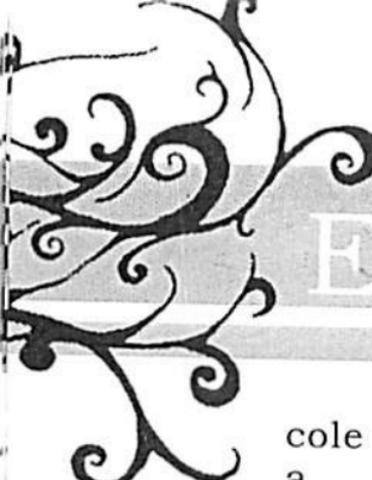
Feitura de intervalo
buraco de tiro
de vagina
de olho com sol
de dor que trespassa.
que aparta
que estica.
ontem desfeitos os castelos areia
nos olhos,
salmoura n'água.
casca dura
subcutânea cicatriz impressa
em gramatura 120
preto marrom branco
delicadamente cuspidos
nos preâmbulos dos lugares de
sempre aqui.

Eu e Poesia



Pode apagar o fogo

EN GLOBGSIQ



Lenise

Eu e Poesia

7 vidas

cole
a
boca
ao
meu
poema
e
retenha
na
língua
a
superfície
áspera
dessa
palavra
sem polimento
sem
teflon
com

arestas
nas
nesgas
sempre
pronta
a
escalar
muros
e

cair de costas.





Jorge Fernando dos Santos

Entre Poesia
Trindade



O caminho
A pedra
O poeta

O poeta
A pedra
O caminho

A pedra
O caminho
O poeta

Passarão caminhos
Pedras e poetas
Mas aquele caminho
Aquele poeta
Aquele poeta
Não



Lenise



Eu e Poesia

Over dose



agora se mostra em lugares
de pernas e gozos
entre o liso
e a aspereza do toque.
projeta-se em espelhos
nas proteções de tela.
desnuda-se do caroço
em alta resolução
eu.
onde não se lê.
incrustado em linhas



Júlio César

Eu e Poesia

sinto a fome de mundos,
o ausente da casa de todos os tempos
e aquela voz que dizia que tudo ia
[passa

que não sentiria mais medo.
essa voz se perdeu
e ainda que,
passos perdidos,
as ruas estreitas do lugarespaço,
a primeira imagem,
o resplendor dos olhos em sol,
abria o céu
e o que caía não cabia nos cestos
e tínhamos tanta fome
de universos paralelos
e de palavras-vida,
mas era tudo o não.



Cruz e Sousa

Eu e Poesia

O assinalado

Tu és o louco da imortal loucura
O louco da loucura mais suprema,
A terra é sempre a tua negra algema,
Prende-te nela a extrema
[Desventura.

Mas essa mesma algema de
[amargura,
Mas essa mesma Desventura
[extrema
Faz que tu'alma suplicando gema
E rebente em estrelas de ternura.

Tu és o Poeta, o grande Assinalado
Que povoas o mundo despovoado,
De belezas eternas, pouco a pouco...

Na Natureza prodigiosa e rica
Toda a audácia dos nervos justifica
Os teus espasmos imortais de louco!



Bruno Brum

Eu e Poesia

como disse o filósofo... ou seria o
[poeta?

o filólogo, o análogo?
está na boca do povo
está na boca de deus
mas como eu ia dizendo
assim estava escrito
quem disse isso foi um anônimo
um reles heterônimo
alguém que passava e notou
o que agora repito
sem tirar nem por
são as palavras de um profeta
que mácula alguma deleta
foi o que ouvi dizer
com todas as letras
com todos os pontos
são as palavras de um junkie

[tibetano

de um bárbaro tonto
com todos os números
de um longo interurbano
foi o que disse o pateta... ou seria
[um engano?



Maria Helena Camargos Moreira

É e Poesia

Palavra de mulher

Palavra de mulher é gotejada
Letra a letra
De suor e brita
De labuta e sangue
Jamais nasce pronta
Palavra de mulher é escavada
Sob montanhas no fundo
Entre seixos pontiagudos
Vai brotando miúda
Feito olho d'água
Pontilhando atalhos
Pouco a pouco formando um caudal
Inunda o mundo:
Palavra de mulher!



Júlio César

Eu e Poesia

E por que sentia ódio em cada

[silêncio

Por que decidiu apenas não dizer,

Fiz morrer-me

E depois dos tempos das palavras

[sem tempo

quis matar-me.

não havia tempo.

tentou ser homem ante o fogo,

quis dançar,

quis sofrer,

quis calar o que não diz

furor imenso para as gotas de álcool

e ainda sim, nada podia parar a

[distância



Elizabeth M. F. Teixeira

Uma Poesia

Os sentimentos
Têm vida própria
E escrevem sua história
Em minha pele.
Onomatopéias,
Metáforas...
Criam enigmas,
Mandam mensagens,
Fazem tatuagens.
Páginas e páginas
De fina textura
Colam-se à minha pele.
Sou um livro que anda
E enuncia enigmas
Parto de uma história
Que se auto-explica.
Majestosa,
Caminho entre os signos:
Um mastro, um sino,
Um barco,
E esta porcelana aos pedaços...

Êxtases



O encontro

Êxtases



Luís Vaz de Camões

Êxtases

Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem
[querer;
É um andar solitário entre gente;
É nunca contentar-se de contente;
É um cuidar que ganha em se
[perder;

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo
[amor?



Êxtases

Cantares de Salomão

(fragmentos)

Beije-me ele com os beijos da sua
[boca;
porque melhor é o seu amor do que
[o vinho.

Para cheirar são bons os seus
[ungüentos;
como unguento derramado é o teu
[nome;
por isso as virgens te amam.

O meu amado é para mim um
[ramalhete de mirra;
morará entre os meus seios.

Como um cacho de Chipre nas
[vinhas de En-Gedi
é para mim o meu amado.

Eis que és formosa, ó amiga minha,
eis que és formosa; os teus olhos
são como os das pombas.

Eis que és gentil e agradável, ó
[amado meu;

O nosso leito é viçoso.

Qual o lírio entre os espinhos,

tal é a minha amiga entre as filhas.
Sustentai-me com passas, confortai-me com
maçãs
porque desfaleço de amor.
A sua mão esquerda esteja debaixo da minha
cabeça,
e a sua mão direita me abrace.
O meu amado fala e me diz: Levanta-te,
amiga minha,
formosa minha, e vem.
Quem é esta que sobe do deserto,
como colunas de fumo, perfumada de mirra,
de incenso, e de toda a sorte de pós
aromáticos?
Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém, que, se
achardes o meu amado, lhe digais que estou
enferma de amor.

Êxtases



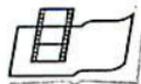
*para ler no ônibus,
em casa, no trabalho,
na escola, quando for dormir...*

Poética

*A poesia espalhada pelo mundo
pelo horizonte
tão evidente
na bala colorida
no obelisco da Praça 7
nos prédios cheios de vidas humanas
na multidão
nos elevadores com cheiro de mofo
nos automóveis parados no semáforo
a poesia está nas gentes
não só em livros de poemas
sobretudo
aqui
entre elevados e nuvens
avenidas e sorrisos
a poesia é o sentimento*

Gilbert Daniel

Realização



a tela
e o texto

FALE
CVTE

